

# VAMOS POR PARTE: DO MENOR PARA O MAIOR? OU DO MAIOR PARA O MENOR?

João Paulo FERNANDES<sup>1</sup>  
Universidade Federal da Paraíba (UFPB/PPGL)

No contexto da Literatura Infantil e Juvenil, alguns questionamentos são possíveis acerca do público leitor, das especificidades, categorização do gênero, entre outros. No entanto, objetivamos explicitar questões teórico-práticas no que tangem à poesia infanto-juvenil em diálogo com o poema *Anatomia*, de José Paulo Paes, na construção de sentidos por parte do educando. Didaticamente, tomamos como amostragem a experiência com leitores em sala de aula, articulando com as propostas teóricas de Pound (2003), Pinheiro (2006), Coelho (2010), entre outros que versem sobre o tema em estudo. Dessa forma, apontamos elementos simbólicos e ideológicos capazes de construir a identidade de um leitor crítico que transcendem a superficialidade do texto.

Palavras-chave: Literatura. Poesia infanto-juvenil. José Paulo Paes. Jovem leitor.

## 1 Introdução

O cenário da literatura compreende a manifestação de artes intrínsecas, bem como outras artes que dialogam pela palavra e/ou outros signos, logo adentramos ao universo da criação, do imaginário. Ainda nesse cenário, podemos destacar a arte da condensação, ou seja, da poesia, onde a palavra, além de informar, permite ao leitor maior aproximação com a cultura de um povo. Nessa perspectiva, é preocupação nossa com este trabalho, compreender o jovem leitor e sua aproximação com as imagens que significam e representam mundos.

Enquanto interlocução mantida pelo tripartite autor-texto-leitor, buscamos ainda adensar nossa discussão no que tange à necessidade comunicativa, em que as partes dessa interlocução mantêm ligação direta com o desenvolvimento e construção do conhecimento. Tão logo, estamos envolvidos com o fazer, entender, ou mesmo inferir poético; já que a poesia não diz, sugere.

Nessa sugestão possível, a imagem primeira que nos vem à mente é em forma de pergunta: Como a linguagem poética pode afetar o jovem leitor? Pela subjetividade proposta pela linguagem poética, não afirmamos conceitos, mas, consideramos alguns elementos

---

<sup>1</sup> Doutorando em Letras, pela Universidade Federal da Paraíba, no Programa de Pós-Graduação em Letras, sob orientação do professor Dr. Hélder Pinheiro. E bolsista CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

passíveis de compreensão, tanto para o leitor, quanto para o emissor da mensagem, o que resulta em articulações de significados.

Talvez não tenha ficado claro como acontece essa articulação, no entanto, apontamos como objetivo principal que, o jovem leitor pode se aproximar e compreender a linguagem poética, a partir do momento que é apresentado, aquilo que Pound (2006), afirma ser aperitivo que o professor é responsável em mostrar ao seu aluno. Dessa forma, o sujeito/educando pode ir além do prazer do texto, através de algumas especificações do ambiente social de aprendizagem, a exemplo da escola, onde acaba por institucionalizar o texto poético.

Tal institucionalização do gênero permite ao professor maior compreensão e seleção de metodologia à atividade em sala de aula; evitando assim, que o texto, especificamente, o texto literário seja utilizado como pretexto para questões gramaticais, por exemplo. Esse mecanismo subsidia a discussão no que diz respeito à seleção do gênero literário a ser trabalhado, o que aponta para um trabalho sistematizado para o ensino-aprendizagem da poesia, mesmo que seu caráter inicial tangencie à sua didática.

A experiência em sala de aula com a poesia pode ser assistida pela teoria e algumas considerações críticas de autores e estudiosos, respectivamente. Nesse aspecto, destacamos os trabalhos de Pinheiro, que se preocupam em (re)conhecer elementos que vão desde as tessituras teóricas à articulação com o exercício do professor, enquanto principal difusor do conhecimento; e por outro lado, não esquecemos a importância teórica, que consiste na legitimação de critérios que reafirmam a necessidade de levar a poesia ao jovem leitor; nas pessoas de Soares, Hunt, entre outros.

Assim, o texto se materializa não apenas pela forma, mas, pela consistência estabelecida pela forma e conteúdo, inseparavelmente. Nessas instâncias, o texto poético ganha dimensão que transcende a superficialidade, ou seja, metodologicamente é possível evitar equívocos na prática e uso com o texto literário, uma vez que sua primeira função é despertar sentido pelos sentidos.

Comprendemos assim, a necessidade de uso e de sua pertinência. Isto é, não basta levar poemas à sala de aula. Há, na verdade, a presença da poesia em sala de aula permite viajar pelo imaginário do educando, bem como do professor que oferece como aperitivo uma demonstração daquilo que faz parte do conjunto cultural de uma nação expresso pela língua, e nada mais pertinente que a poesia.

Obtusamente, a poesia coaduna elementos que podem alcançar leitores. Já que a prática de leitura tem se tornado cada vez mais preocupante em nosso país. Não que o fator aqui seja de evidenciar a sua ausência, mas, elucidar que o fenômeno é outro; e isso quem

afirma é Nelly Novaes Coelho, quando remonta a outro fenômeno que conquistou jovens e adultos, e a esse fenômeno atribui-se as notáveis modificações no âmbito de um novo comportamento do leitor, que recebe o nome de Harry Potter.

Ao leitor jovem, ao qual essa série se destina, evidentemente, esse possível significado simbólico ou alegórico não tem o menor interesse em ser conhecido. O prazer da leitura lhe basta, muito embora o esteja influenciando subliminarmente e passando-lhe a sua “mensagem”. (COELHO, 2003).

Após esse fenômeno, o leitor brasileiro é contemplado pelo novo perfil, em que a inserção de livros, muitas vezes, gigantes até pelo número de páginas, alcançou um feito nunca antes visto. Daí, pensarmos novos modos de abordagem no que tange à literatura para jovens leitores; o que implica cada vez mais nuances de subjetividade, que suscitam muito mais que o prazer da leitura.

## **2 Algumas pertinências sobre a poesia infanto-juvenil**

Em consonância ao ponto anterior, vimos a relevância de trazermos algumas questões teóricas sobre a poesia infanto-juvenil e seu maior interessado, o leitor. Isso mesmo, elegemos o leitor como o maior interessado, uma vez que, o autor, intencionalmente pretende estabelecer vínculo.

Antes de situar uma teoria específica sobre a poesia, o que não significa categorizar a própria arte, precisamos resgatar o que Pound considera quanto à poesia: “olhar, escutar, e talvez pensar”, (res)significam, enfaticamente, um desejo, necessidade, que são peculiares à condensação da palavra. E quanto a isso, trilhamos um percurso teórico-metodológico pela poesia e sua interface com os interlocutores, os quais constroem sentidos e metaforizam suas existências.

Hunt considera que a literatura infanto-juvenil vem se modificando a tal ponto que fica difícil conceituá-la, no entanto, acrescenta:

Definimos literatura infantil segundo nossos propósitos – o que, no fim das contas, é o princípio das definições: dividir o mundo segundo nossas necessidades. A literatura infantil, por inquietante que seja, pode ser definida de maneira correta como: livros lidos por; especialmente adequados para; ou especialmente satisfatórios para membros do grupo hoje definido como crianças. Entretanto, tal definição complacente não é muito prática, já que

obviamente inclui todo texto lido por uma criança, assim definida. (HUNT, p. 96, 2010).

Logo, compreendemos que o limite estabelecido pelo e/ou para o texto infantil está relacionado, diretamente, a faixa etária, ou seja, nomeia-se que o texto lido por criança seria o texto adequado ao público como um todo. Salvo as especificações, é importante considerar que tais conceitos atendem, na verdade, às necessidades de que a categoriza; implicando assim, envolvidos que vão desde alunos, professores, escritores, editores etc., de forma, que seguir a tais concepções atentam por um reducionismo (in)desejável por parte da produção artístico-literária.

Diante do exposto, e da necessidade quase nunca considerada, que seria a sensibilidade poética, defendida por Pinheiro, redimensionamos nossa discussão ao ambiente onde tal sensibilidade ganha maior probabilidade de execução, que seria a escola e/ou a sala de aula.

De fato, a maioria dos professores de Português e Literatura não procura despertar o senso poético no aluno, não se interessa por uma educação da sensibilidade de seus alunos. Esta questão, para muitos, nem sequer é colocada. (2007, p. 19).

O destaque feito por Pinheiro é preocupante, e ao mesmo tempo mapeia a real situação do cenário escolar do país. Pode parecer exagero, mas o aspecto não contempla uma ou outra região do Brasil, mas, elucida o que, de fato, afeta a maioria de nossos professores, alunos, escolas, enfim, todo o engenhoso sistema educacional.

Concernente a essa questão e em comum acordo com o fenômeno Harry Potter trazido por Coelho, observamos que o problema incide no (des)conhecimento da poesia, da literatura e outras formas de expressar a arte, a invenção. Isto é, o que levou a saga de um bruxo se tornar fenômeno de leitura? E o que ou por que a poesia se mantém distante do jovem leitor brasileiro, considerando os dados e considerações de Pinheiro?

Em caráter emergencial, a resposta é objetiva, contrariando a própria ideia da literatura. No entanto, há de convir que o processamento da poesia e seus leitores implicam questões mais intrínsecas, isto é, particularidades que projetam a consciência coletiva; em que sensibilizam pela sonoridade, pelo ritmo, pelo tema, por diversos fatores que compõem a unidade significativa do poema.

Em contrapartida, pensar a literatura infanto-juvenil no Brasil, é considerar seu aspecto de chegada, dado pelo modelo europeu, na figurativização de Portugal; o que não

impediu que criássemos nosso modelo de literatura a esse público, ganhando destaque Monteiro Lobato. No período de transição é importante destacar a publicação de *O patinho feio*, de Andersen, em que é traduzido para o Brasil e destaca-se até hoje como marco inicial dessa produção, como bem destaca Zilberman.

No entanto, objetivamos no próximo tópico explicitar questões teórico-práticas no que tangem à poesia infanto-juvenil em diálogo com o poema *Anatomia*, de José Paulo Paes, resultando na construção de sentidos por parte do educando; considerando relatos de experiência vividos com alunos do Ensino Fundamental ao Superior<sup>2</sup>.

### **3 Então, chegamos às partes?**

Ao indagarmos, suscitamos quase sempre uma resposta. No caso da poesia, a coisa muda de perspectiva, uma vez que na e para poesia, não buscamos respostas, nem tão menos intenção em encontrá-la; mas, uma possibilidade em compreender o universo mapeado pelo poeta, seja pela voz que nos fala, ou ainda pela composição que nos é oferecida em sua forma condensada e subjetiva.

#### **Anatomia**

(José Paulo Paes)

A careca do palhaço  
é a lona do circo

Os olhos do palhaço  
são duas margaridas

O nariz do palhaço  
é um sol vermelho

A boca do palhaço  
é uma caixa de surpresas.

O coração do palhaço  
é o jardim da infância.

De forma dística, o poema apresentado coaduna elementos simples, que permeiam e vão além do propósito do prazer da leitura, é capaz de alcançar emoções e desejos nunca antes comentados pelos leitores. Ou melhor, de acordo com nossa experiência em sala, pudemos observar que o aperitivo vai além, muito além do fato e ordem de leitura, que na verdade,

---

<sup>2</sup> Considera-se o grupo de amostragem algumas observações feitas em aulas com alunos desse segmento, a partir de atividades com o poema *Anatomia*, de José Paulo Paes e sua relevância na construção de sentidos.

desordena e materializa falas que compreendem uma interioridade muitas vezes inocente, e por vezes consciente de seu papel, independente de tempo e lugar.

Na tentativa de compreender o deleite estabelecido pelo leitor e o texto, e que nem sempre ocorre, buscamos na interação de leitores, o que consideramos quando desafiados e apresentados ao poema citado. Tão logo menções, inferências, apontamentos, e outras imagens coisificam o ato de ler e materializam possíveis interpretações e comentários.

Os dez versos organizados em pares, ou seja, em dísticos, remetem ao jogo com palavras e acaba agradando, principalmente, ao público infantil e/ou juvenil; ainda pelo corresponde no verso seguinte é uma forma de chamar a atenção. Isso foi percebido quando da atividade proposta tanto para crianças quanto os adultos do primeiro semestre de Letras, em que deixaram fluir a imaginação e as possíveis imagens que ressignificavam situações e/ou vivências de suas infâncias.

No conjunto, podemos perceber que o jogo dístico é propício à compreensão, não por um acesso imediato, mas, pelas possibilidades pertinentes de leitura. O ato de ler transcendeu o espaço na sala de aula, sem perder o caráter imanente do próprio texto; de forma que os receptores apontaram pontos de intersecção pertinente às imagens e às metáforas.

E, no que tange às metáforas no poema, suscitou-se desde o início, marcado pelo título do poema a imagem de composição, uma vez que “anatomia” para alguns remetia à tessitura, a partes, e, dessa forma, suscitava à forma. Interessante destacar que, tais apropriações foram mediadas e estabelecidas apenas pela leitura, repetidas vezes, em que o som ritmado correspondeu ao desenvolvimento de uma compreensão pertinente ao signo poético.

Nosso propósito principal é trazer as reverberações que o poema causou em sala de aula, e, considerando suas pertinências no que diz respeito às interpretações. Nesse âmbito, podemos observar que o papel do professor é disseminar a literatura, a poesia, enfim, todo o texto que se materializa pela forma ou pelo discurso.

O verbo de ligação conjugado no presente do indicativo evidencia, não só a dependência e/ou encadeamento, mas, a fusão de ideia levantada e, de certo modo, respondida. Dessa forma, é compreensível que o leitor esteja atendo as nuances que colorem o estado de exceção da forma, resultando em imagens simbólicas no que tange à compreensão do ser humano e sua relação com a natureza das coisas e dos fatos.

Há, na verdade uma tessitura de acontecimentos que implicam ensinamento, construção de sentido na e pela mensagem, o que institui no leitor fatos e efeitos de subjetividade. E nessa subjetividade, acabamos por compreender que o universo poético vai

além da palavra, ou seja, dá-se por ela, mais rompe sua forma e alcança seus possíveis significados que são semiotizados.

Outro aspecto relevante e destacado pelo público leitor em observação/parceria foi a construção de sentidos, no que diz respeito à fusão de pequenos elementos, que metaforizados rompem com modelos paradigmáticos e dialogam com situações próximas de uma realidade, metaforizados pelas partes do corpo, bem como suas funções com cores, objetos de uso e conhecimento de convívio e relações com a própria identidade do leitor.

Em consonância com essa discussão suscitada, Machado (2008), considera que o mundo da criança, ou ainda do leitor de poesia está ligado a:

Na infância, ainda há que se considerar, o aprendizado do sistema de representação da língua escrita constitui um elo a mais nas relações da criança com o outro: sejam adultos, bichos, objetos animados, outras crianças, etc. (MACHADO, 2008, p. 112).

Nesse percurso, notamos que a relação da leitura e leitores abrange um número relevante de participantes, onde o diálogo é estabelecido pela palavra, seja ela cantada, ritmada, rimada etc.. Tal compreensão é, de fato, estabelecida pelo processo de subjetivação e contato com os efeitos provocados pela palavra em seu contexto de uso, o que resulta em aprendizado por parte dos leitores.

Sistematicamente, adentramos no universo da palavra instituído e institucionalizado pela escola e seus mediadores, os professores. O que suscita ainda mais que não há restrição do uso da poesia há sim, um processo que pede mediadores que provoquem através de aperitivos, questões específicas na disseminação de poemas e leitores. Nesse tear, acrescentamos que outros fenômenos podem incorrer no contexto da leitura de nossos leitores, bem como estabelecer relação direta com o verdadeiro leitor, aquele que sente necessidade de conhecer mundos através da palavra inventada.

#### **4 Considerações finais**

Não seria em um ensaio, em sua forma breve que contemplaríamos todas as questões intrínsecas da literatura, da poesia e suas relações com os leitores. Mas, acreditamos ter estabelecido, ao menos, um elo no que diz respeito à sua apresentação a alunos, que são o principal alvo, quando se trata de contexto escolar.

No contexto escolar, a poesia ganha ainda mais nuances de sua subjetividade ainda mais colorida e aguçada, já que nesse espaço a possibilidade de compreensão tangencia à multiplicidade, ou seja, ao plural das coisas, isto é, os alunos são envolvidos, ou pelo menos deveriam, uma vez que participa a figura do professor como aquele responsável por apresentar, da melhor forma possível, a palavra inventada por poetas.

Poesia é subjetiva, ou ainda se considerarmos ainda como mimese, no que traz Aristóteles, teremos a forma mais subjetiva de toda a arte da palavra e, nessa subjetividade, compreendemos universos, que vão desde particulares aos mais coletivos possíveis. E assim, apontamos para um processo único, o de compreender a unidade poética em diálogo com outras formas e modos do próprio eu que ler.

Contudo, suscitamos que o fazer poesia, alcança leitores, sejam eles jovens ou adultos; certamente serão alcançados pelo efeito plural da palavra. E a palavra é, sem dúvida, o que melhor explica o contexto da poesia, do poeta, do leitor e todos implicados na construção da imagem que resulta em ensinamento.

Diante disso, compreendemos que pensar as partes, é compreender, paulatinamente o efeito de montagem estabelecido por quem faz e aquele que recebe a poesia. Logo, é possível considerar que a tessitura poética estabelece com seus leitores maior afinco àquilo que serviria para sua interpretação em contexto de uso da palavra.

## **Referências**

HUNT, Peter. Crítica, teoria e literatura infantil. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. Literatura infantil brasileira. 6ª ed. São Paulo: Ática, 2011.

MACHADO, Maria Zélia Versiani. Versos diversos da poesia para crianças. In: Literatura infantil: políticas e concepções. PAIVA & SOARES (Orgs). Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PINHEIRO, Hélder. Poesia na sala de aula. 3ª ed. Campina Grande: Bagagem, 2007.

POUND, Ezra. Abc da literatura. 6ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006.